

# Transferências culturais entre metrópole e colônia: O livro escolar como instrumento da formação do cidadão em Quebec no século XIX

*Thérèse Hamel\**

## Resumo

Este artigo pretende mostrar como se transforma um manual escolar criado primeiramente em uma metrópole (a França), para, em seguida, ser utilizado numa ex-colônia (o Canadá), onde o contexto social, político, ideológico e religioso difere em vários aspectos. Mesmo após o descobrimento francês, a conquista inglesa e muito depois da independência do Canadá em relação à Inglaterra, em 1867, a província de Quebec manteve, durante muito tempo, relações privilegiadas com a França. As idéias pedagógicas, o pessoal escolar e mesmo os livros didáticos atravessavam o oceano até a ex-colônia. Foi assim que uma gramática utilizada durante muito tempo na França laica, no fim do século passado, tornou-se um manual oficial utilizado em Quebec, onde, ao contrário da França, o poder da Igreja Católica nas orientações escolares era preponderante.

**Palavras-Chave:** manual escolar, Quebec

## Resumé

Cet article veut montrer se transforme un manuel scolaire d'abord conçu dans une métropole (la France), pour ensuite être utilisé dans une ancienne colonie (le Canada), où le contexte social, politique, idéologique et religieux diffère sur plusieurs aspects. Même après la découverte française, la conquête anglaise et bien après l'indépendance du Canada par rapport à l'Angleterre en 1867, la province de Québec a longtemps maintenu des relations privilégiées avec la France. Les idées pédagogiques, le personnel scolaire et même les livres didactiques traversaient l'océan jusqu'à l'ancienne colonie. C'est ainsi qu'une grammaire longtemps utilisée dans la France laïque, à la fin du siècle dernier, est devenue un manuel officiel utilisé au Québec, où contrairement à la France, le pouvoir de l'Église Catholique sur les orientations scolaires était prépondérant.

**Mots-Clé:** manuel scolaire, Québec

---

\* Universidade Laval/Quebec - Canadá

## Introdução<sup>1</sup>

Este artigo pretende mostrar como se transforma um manual escolar criado primeiramente em uma metrópole (a França), para, em seguida, ser utilizado numa ex-colônia (o Canadá), onde o contexto social, político, ideológico e religioso difere em vários aspectos. Mesmo após o descobrimento francês, a conquista inglesa e muito depois da independência do Canadá em relação à Inglaterra, em 1867, a província de Quebeque manteve, durante muito tempo, relações privilegiadas com a França. As idéias pedagógicas, o pessoal escolar e mesmo os livros didáticos atravessavam o oceano até a ex-colônia. Foi assim que uma gramática utilizada durante muito tempo na França laica, no fim do século passado, tornou-se um manual oficial utilizado em Quebeque, onde, ao contrário da França, o poder da Igreja Católica nas orientações escolares era preponderante.

A análise aqui apresentada propõe-se a comparar a versão francesa da *Gramática Augé*, durante longo tempo utilizada na França, de 1892 a 1930, com uma edição dessa mesma obra, adaptada, desta vez, ao público do Canadá francês, por um pedagogo quebequenho. Examinarei as principais transformações dessa obra, no momento em que passava da sociedade francesa, que não permitia referência alguma à religião nos manuais escolares, à sociedade quebequenha, onde os conteúdos escolares deviam incluir uma parte importante de ensino moral e religioso.

## 1. O Manual Escolar como Instrumento de Cultura

Os conteúdos escolares ultrapassaram largamente as matérias ensinadas em uma disciplina dada. Eles refletem também os ideais sociais, políticos, ideológicos e religiosos de uma sociedade. Esses elementos realizam com efeito, em parte, a formação do cidadão. Em *Os manuais escolares: história e atualidade*, Alain Chopin (1992) apresenta o manual escolar como um veículo ideológico e cultural privilegiado. Não é o único papel atribuído ao livro escolar, mas é o que me interessa em primeiro lugar aqui. Pode-se, efetivamente, considerar o manual escolar como o reflexo do que os contemporâneos desejariam que a sociedade fosse, antes que como o espelho da realidade. Aliás, cada sociedade procura dotar-se de mecanismos

---

<sup>1</sup>. Este artigo foi objeto de uma comunicação no III Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, Coimbra, 23 a 26 de fevereiro de 2000. Esses trabalhos situam-se no quadro de um programa de pesquisa intitulado: Escola e sociedade em Quebeque, história dos conteúdos escolares 1830-1940, executado conjuntamente pela Universidade Laval e a Universidade de Quebeque em Trois-Rivières, projeto no qual trabalham igualmente os senhores Serge Gagnon e Paul Aubin. Queríamos, aqui, agradecer, ao Conselho de pesquisas em ciências humanas do Canadá (CRSHC) pela ajuda financeira na realização desse projeto.

institucionais para editar regras que regulamentem o emprego e, sobretudo, a aprovação dos manuais que devem ser utilizados nas escolas. Na França, em 1882, a quarta lei do ensino estipula que: A instrução religiosa não faz mais parte das matérias de ensino das escolas primárias públicas<sup>2</sup>. Em Quebec, o Comitê católico do Conselho de instrução pública<sup>3</sup> terá notadamente por missão estabelecer a lista dos manuais que devem ser empregados nas escolas.

A difusão dos ideais de sociedade não é a única função atribuída ao manual. Seu objetivo principal é didático e ele deve transmitir conhecimentos, fazer passar um conteúdo e propiciar aprendizagens aos alunos. Sua concisão, as escolas feitas pelos redatores e redatoras do manual não se explicam, entretanto, somente pelos empecilhos estritamente pedagógicas.

(...) o manual não poderia reduzir-se a uma simples épura. Ele é o principal vetor dos valores que transmite a instituição escolar: a escolha da língua (o francês e não o bretão ou o basco, por exemplo) e do estilo (os bons autores), a seleção dos temas e dos textos, a organização e hierarquização dos conhecimentos, obedecem a objetivos políticos, morais, religiosos, estéticos, ideológicos, na maioria das vezes, implícitos<sup>4</sup>.

Nessa questão, é essencial precisar que o autor do manual escolar é um ator social que constrói uma realidade, construção que se baseia tanto em critérios e postulados de ordem estritamente pedagógica quanto em seus valores ideais de sociedade. Assim, as frases soltas, muitíssimas vezes utilizadas nos livros de gramática, longe de ser inofensivas, permitam veicular valores, reforçar idéias, por procedimentos como a repetição. Os textos curtos apresentados nas gramáticas apresentados nas gramáticas permitem veicular mensagens morais, religiosas, até mesmo patrióticas. Claude Augé, autor da gramática que é o objeto do presente estudo, dizia:

Ao aluno, chegando ao fim de seu livro, não terá somente aprendido a falar e a escrever corretamente o francês; ele terá, **sem se aperceber**, aberto sua jovem inteligência a uma multidão de dados novos e enriquecido sua memória de um número incalculável de pequenos conhecimentos enciclopédicos<sup>5</sup>.

<sup>2</sup> Citada em Pierre Boutan (1996:16)

<sup>3</sup> Instância responsável, entre outras, pela programação dos saberes onde se encontravam todos os bispos da província de Quebec.

<sup>4</sup> Citado em Choppin (1993:164)

<sup>5</sup> Claude Augé, Gramática, (1891), em Choppin (1992:165). Choppin faz aqui referência à versão francesa da obra.

Sem exagerar o papel ideológico da escola, não é menos verdade que os manuais escolares veiculem, além de um modelo de sociedade, uma moral, uma ideologia, uma concepção da sociedade considerada como legítima. A escolha dos textos, seus títulos, o conteúdo das mensagens indicam-nos valores privilegiados, assim como comportamentos proibidos ou valorizados. É nesses elementos que se baseará nossa análise comparativa da versão francesa e quebequenha da gramática Augé.

## 2. Objeto de Estudo

A análise aqui apresentada concentra-se sobre o *Curso de gramática* de Claude Augé<sup>6</sup>. Largamente utilizado na França de 1892 a 1930<sup>7</sup>, a obra foi, primeiramente, aprovada sem adaptação alguma nas escolas quebequenas. Ora, a França havia vivido as leis da laicização, o que impedia toda referência explícita à religião ou aos dogmas religiosos, enquanto que, em Quebeque, as elites davam ao conteúdo religioso, uma importância primordial no ensino. Foi, portanto, solicitado ao abade Desrosiers, a adaptação da gramática Augé para torná-la mais de acordo com as orientações das autoridades escolares.

A adaptação de um livro europeu em Quebeque não é coisa recente, particularmente a de uma obra francesa. Nossas origens coloniais francesas e inglesas têm, efetivamente, influenciado as fontes nas quais os educadores foram beber para estruturar programas e definir os conteúdos de ensino. Outros fatores encorajaram consideravelmente esse fenômeno, acentuado pelas leis laicas francesas de 1882, bem como pela separação da Igreja e do Estado de 1905. Laperrière (1996), efetivamente, muito bem mostrou como a vinda a Quebeque das comunidades religiosas expulsas da França deu um impulso muito forte a um movimento desencadeado, entretanto, no meio do século passado, antes das leis de laicização, ou seja, a importação de livros franceses produzidos pelas comunidades docentes vindas da França. Mas esse fenômeno dizia respeito somente às ordens religiosas. Os manuais elaborados por autores leigos circulavam também de um oceano a outro. Foi assim que, menos de um ano após sua edição na França, a gramática Augé nos chegou em Quebeque.

### 2.1. Apresentação da gramática Augé

O *Curso de gramática* de Claude Augé goza, hoje, junto ao corpo docente, de uma verdadeira popularidade (...) Os

<sup>6</sup> Ele compreende três volumes: A Gramática Infantil, O 2<sup>o</sup> Livro de Gramática e O 3<sup>o</sup> Livro de Gramática.

<sup>7</sup> Chervel (1977:299)

exercícios são numerosos, extremamente variados e cuidadosamente graduados, *eles não se constituem de palavras e de frases tomadas ao acaso, mas baseiam-se, de uma forma muito hábil, em dados extraídos de todos os gêneros de conhecimento, de maneira que, preocupando-se unicamente em aplicar uma regra de gramática, o aluno armazena, sem saber e sem nenhuma dificuldade, uma grande quantidade de noções de história, de geografia, de ciências, etc.* Uma ilustração abundante e muito apropriada ao texto contribui ainda para o seu caráter instrutivo e dá ao ensino uma vida e uma interesse totalmente excepcionais<sup>8</sup>.

André Chervel (1997;299) descreveu uma primeira edição da *Gramática, curso superior, de conformidade com a nova nomenclatura gramatical* de Claude Augé, que data de 1892. Segundo Chervcel, a obra teria sido reeditada até 1930, na França. Avalizada pelas autoridades competentes, a versão francesa circula sem adaptação de 1893 a 1909, ano em que as três obras de Augé são retiradas da lista das obras aprovadas por Quebeque. A utilização da gramática Augé em Quebeque é, portanto, contemporânea de sua utilização na França. Na sua reunião de 12 de maio de 1909, os membros do Comitê católico decidem, entretanto, riscar da lista os três livros da gramática Augé, porque eles não os julgam apropriados ao contexto quebequenho<sup>9</sup>. O abade Desrosiers põe-se a trabalhar e elabora a adaptação da gramática Augé. A 13 de maio de 1910, ele recebe a confirmação de que o primeiro e o segundo livros são aprovados pelo Conselho de instrução pública. Essa carta estipula, além disso: o terceiro livro é mantido na lista dos livros autorizados para o próximo ano escolar, a fim de permitir que seja publicada uma nova edição revisada<sup>10</sup>. A edição revisada especialmente para o Canadá pelo abade Desrosiers e aprovada pelas autoridades do Comitê católico do Conselho da Instrução pública, respeita, pouco ou muito, o plano de edição francesa que nos serviu de termo de comparação<sup>11</sup>.

### 3. Análise

Nossa análise, de tipo qualitativo, interessa-se pelas mudanças e modificações de textos, de palavras, de frases e de ilustrações de uma edição a outra. O conteúdo dos manuais interessa-nos como índice da

<sup>8</sup> Era assim que se apresentava a Gramática Augé em: Canadá eclesiástico(1917:44). O grifo é nosso.

<sup>9</sup> Trata-se do Primeiro livro de gramática, Segundo livro de gramática, Terceiro livro de gramática por Claude Augé. Ver Educação, conexão geral, dossier 1146, 1910.

<sup>10</sup> Educação, conexão geral, arquivo 1146, 1910. O grifo é nosso. Finalmente, a 15 de maio de 1911, o Terceiro livro de gramática francesa, por Claude Augé, é permitido durante um outro ano.

<sup>11</sup> O exemplar utilizado para a comparação é a edição de 1910.

memória coletiva valorizada por uma instituição de socialização muito importante, a saber, a escola. Metáforas e mentalidades estarão, portanto, no cerne de nosso estudo, a fim de cercar as transformações do discurso escolar através de um dos instrumentos pedagógicos privilegiados, o manual. A análise comparativa aqui apresentada revela o perfil que segue: 1. A religião reaparece na edição quebequenha, enquanto que toda referência religiosa estava ausente na edição francesa. 2. Adélard Desrosiers elimina toda referência explícita à França para substituí-las por referências quebequenhais ou canadenses, particularmente os elementos históricos e geográficos. 3. Finalmente, os conteúdos relativos à educação moral permanecem *globalmente* idênticos nas duas edições.

### 3.1. O ensino da religião pela gramática em Quebeque

A análise se concentra na *Gramática infantil*, (Ver anexo 1) ou seja, a primeira obra da série. Um dos argumentos alegados para não conceder aprovação à gramática Augé como manual oficial era de ordem religiosa<sup>12</sup>. Ora, o primeiro elemento surpreendente na comparação entre as duas edições era, sem a menor dúvida, a substituição ou o acréscimo de referências claramente religiosas na edição quebequenha<sup>13</sup>.

#### 3.1.1. O retorno do elemento religioso

O texto intitulado: A PEQUENA ROSEIRA é substituído por: CONSELHOS AO PEQUENO ALUNO, de caráter, ao mesmo tempo, moral e religioso. Esse exercício de leitura e de cópia trata da negligência de um meninozinho que deixa, uma noite de regar sua pequena roseira. O texto termina pela seguinte moral: *Muitas vezes, uma única negligência pode destruir o resultado de muito cuidado.*<sup>14</sup> Na edição quebequenha, os conselhos ao pequeno estudante começam pela frase seguinte: *Meu filho, levante-se: é dia. Primeiro faça com piedade sua oração da manhã.* O resto do texto trata da obediência aos pais, virtudes como a bondade, a delicadeza, evitar a preguiça, etc., ou seja, o encorajamento à prática de um comportamento moral adequado. O texto termina pela frase seguinte: *À noite, fique junto de seu pai e de sua mãe, e não se deite sem ter feito sua oração.* (Ver anexo 2)

<sup>12</sup> Dizia-se efetivamente: 2. Que, na sessão de 12 de maio de 1909, os membros do mesmo comitê católico riscaram, da lista dos livros clássicos autorizados, os três livros de gramática mencionados, e isso alegando as razões seguintes: (...) eles procederam mal ao excluir sistematicamente toda idéia de Deus e mesmo de religião nos textos que servem de exemplos e de exercícios. Educação e conexão geral, arquivo 1146, 1910. O grifo é nosso.

<sup>13</sup> Em geral, as páginas mencionadas fazem referência à edição quebequenha. Com efeito, antes da página 42 há uma leve diferença de cerca de duas páginas de uma edição a outra, sem que, entretanto, a paginação ou o conteúdo seja modificado de maneira importante.

<sup>14</sup> P. 15 da edição quebequenha.

Além do mais, certos heróis nacionais são substituídos por personagens religiosos. A edição francesa transborda, assim, de textos edificantes, que elogiam as qualidades heróicas dos personagens principais do panteão da história política e racional. Em um texto curto, apresentamos Vercingétorix lutando contra César pela conquista da Gália. Substituindo essa historieta, a edição quebequenha reproduz um texto intitulado: JESUS E AS CRIANCINHAS<sup>15</sup>. *Jesus amava muito as crianças. Ele disse um dia, a seus discípulos: Se quiserdes entrar no reino dos céus, sede semelhante às crianças.* O texto termina pela frase seguinte: *Que amor as crianças devem ter por um mestre tão bom!* As referências aos dogmas católicos aqui estão evidentes, referências que não podem aparecer em uma obra destinada às crianças francesas matriculadas nas escolas leigas. (Ver anexo 3)

Na página 25, o texto OS PRESENTES torna-se DEUS PROTEGE OS ÓRFÃOS. Reencontra-se ainda aqui a temática da bondade de um Deus amoroso, que protege as crianças, até mesmo os órfãos. Essa referência aos heróis divinos será a pedra angular dos manuais quebequenhos. Entre o que se convencionou chamar a família celeste<sup>16</sup>, o nome de Deus volta em diversas passagens. Aqui é o Deus que ama, o Deus Pai. No exemplo seguinte, será a figura emblemática de Deus, mas o Deus Criador da natureza e dos animais. Com efeito, o texto CRIANÇAS, NÃO MEXAM NISSO, torna-se DEUS FAZ TUDO. A edição francesa nos oferece um texto comovente, uma temática freqüente nos manuais escolares: o respeito à natureza e aos animais. Essa narrativa segue imediatamente a leitura intitulada *Lé dénicheur* (o que mexe nos ninhos na qual apresentam duas crianças que querem tirar seus filhotes do ninho. Uma das crianças deixa-se levar e é punida; o galho em que ela havia subido quebra-se. O texto termina mostrando que os pássaros são úteis, porque comem os insetos. O poema recomenda não tocar nos ninhos dos pássaros e moraliza condenando as conseqüências de um ato julgado imoral. (Ver anexo 4) A edição quebequenha conserva o texto de leitura intitulado *Lé dénicheur*, mas substitui a recitação por um poema intitulado: DEUS FAZ TUDO, em que faz o elogio da criação da terra, da água, do ar e do fogo. O poema termina pela criação dos seres humanos. O autor vale-se da passagem para fazer a apologia do personagem da mãe<sup>17</sup>. Constata-se que a intenção moral é a mesma, mas que, na edição quebequenha, acrescenta-se uma dimensão sobrenatural à mensagem veiculada para as crianças. Com efeito, Desrosiers acrescenta a seu texto a dimensão do respeito à natureza, como encarnação

<sup>15</sup> P. 22 da edição quebequenha.

<sup>16</sup> Ver Champoux (1993).

<sup>17</sup> P. 49 da edição quebequenha.

da obra de Deus. O revisor quebequenho permite-se, também, acrescentar um texto que não aparece na edição francesa. Trata-se de PEQUENO NATAL. Uma criança pobre invoca a bondade de Jesus a fim de conseguir sapatos novos, bem como bombons para a festa de Natal. A ilustração que acompanha o texto, mostra a figura do Anjo da Guarda, outra figura celeste, sempre ali para proteger a criança. (Ver anexo 5)

Em mais outros textos curtos apresentados anteriormente, a gramática reproduz enunciados de regras que regulamentam o emprego da língua, em frases curtas, ou ainda, exercícios que permitem aplicar essas regras etc. Na versão quebequenha, o tema religioso reaparece nas frases utilizadas para os exercícios de aplicação. A menção de temas ou de objetos religiosos é daí decorrente. Assim, a palavra CEGONHA é substituída por CRUCIFIXO; CORONEL por CAPELA; UNIFORME por IGREJA<sup>18</sup>. Aliás, a instituição política é agora substituída pela instituição religiosa. Na página 34, O VENTO LEVA AS FOLHAS torna-se DEUS JULGA AS AÇÕES DOS HOMENS. Aqui, não é mais o Deus amoroso, o Deus Pai, mas, antes, a imagem do Deus que castiga, mesmo do Deus vingador. Se as modificações de ordem religiosa são, às vezes, esparsas na gramática, acontece que um exercício inteiro é modificado. Assim, o exercício 131<sup>19</sup> é lido como segue:

A galinha põe ovos.	Davi matou Golias
O pão alimenta os homens judeu.	Deus castigou o povo judeu.
A vinha produz uva. mestre.	Judas vendeu seu mestre.
O Loire banha a França. e recompensa as boas ações.	Deus protege os órfãos

O trabalho do abade Desrosiers consistia, portanto, em reintroduzir conteúdos religiosos, ou seja, acrescentando um tema ou palavras de caráter espiritual onde só aparecem mensagens profanas aparentemente neutras, enquanto que, em outros momentos, substitui-se o herói nacional e francês por um herói Divino, quer seja Deus Pai ou Deus Criador, a encarnação do Filho em Jesus Cristo ou, ainda, a figura do Anjo da Guarda.

### 3.2. A educação nacional e a formação do cidadão

Quando o Comitê católico do Conselho da instrução pública retira de circulação a versão francesa Augé, ele alega o fato de que; (a) *são livros franceses que nada têm de especial para o Canadá*<sup>20</sup>. O abade Desrosiers

<sup>18</sup> P. 5 da edição quebequenha.

<sup>19</sup> P. 130 na edição quebequenha.

<sup>20</sup> A Educação, conexão geral, arquivo 1146, 1910. O grifo é nosso.

retirou, portanto, os elementos relativos à história e à geografia francesa para substituí-las por elementos relativos aos heróis do panteão canadense-francês e pontos geográficos locais. Em outros casos, o curso de gramática serve de plataforma para valorizar os heróis nacionais e torna-se lição de patriotismo e de cidadania. A edição quebequenha apresenta elementos ausentes na edição francesa. O hino nacional canadense, O CANADA aparece, portanto, na adaptação da gramática Augé feita por Desrosiers<sup>21</sup>. Entre os textos modificados, encontra-se, por exemplo, OS GAULESES FORAM VENCIDOS, que se torna A NOVA FRANÇA FOI DESCOBERTA POR..., sendo o texto *completamente* remodelado. Desde o início da obra, *acrescenta-se* a frase: NÓS FALAMOS DUAS LÍNGUAS. QUE LÍNGUA SE FALA NO CANADÁ?<sup>22</sup> Em vários lugares, uma referência muito francesa é eliminada em favor de um elemento que ilustra um personagem ou um tema histórico relativo ao Canadá francês<sup>23</sup>. Eis alguns exemplos: A GALIA E OS GAULESES é substituído por OS SELVAGENS DO CANADÁ; ÁTILA ERA O REI DOS HUNOS por FROTENAC ERA UM GOVERNADOR DO CANADÁ; LOUIS LE PREUX torna-se FACQUES CARTIER, DESCOBRIDOR DO CANADÁ. Em outros momentos, o texto é totalmente modificado, contando as aventuras e grandes feitos dos heróis nacionais. OS HUNOS são eliminados por MADAME DE CHAMPLAIN e O VASO DE SOISSONS torna-se O HERÓICO DOLLARD. Nesses dois exemplos, a ilustração é, naturalmente, também totalmente modificada. (Ver anexo 6) Em geral, esses textos fazem a apologia dos heróis nacionais, verdadeiras exortações ao culto da pátria, da nação. Quando não são os texto inteiros, são as frases de exercícios que são modificadas, exatamente como quando da adaptação dos conteúdos religiosos. Assim, na edição francesa, ÀS CRIANÇAS FRANCESAS torna-se ÀS CRIANÇAS CANADENSES. (Ver anexo 7) O primeiro, cuja ilustração mostra soldados em combate, é um elogio ao patriotismo. No texto de Desrosiers, cuja ilustração pode lembrar algo de celeste, valoriza-se, antes, a formação de um cidadão honesto e orgulhoso de sua raça. Além disso, não se encontra nenhuma alusão a elementos militares.

### 3.3. O ensino Moral

A adaptação de Desrosiers conserva muitos textos e referências da versão original escrita por Augé. Assim, vários exercícios de caráter moral foram conservados na edição quebequenha. O que se poderia qualificar de moral leiga, isto é, textos que valorizam um comportamento cívico nas

<sup>21</sup> P. 41-42.

<sup>22</sup> Antes p. 5.

<sup>23</sup> No exercício 20 e 21.

relações com outrem, permanece nas duas edições. Assim, por exemplo, os textos *A CRIANÇA COMPORTADA*, *TENHA ORDEM*, ou ainda, *A CRIANÇA CORTÊS* se encontram nas duas edições. Em compensação, na edição quebequenha, ocorre que os textos de sentido moral são também coloridos por referências religiosas. No texto já citado acima e intitulado *A CRIANÇA CANADENSE*, formação moral e formação do cidadão se misturam, integrando, às vezes, também noções de patriotismo.

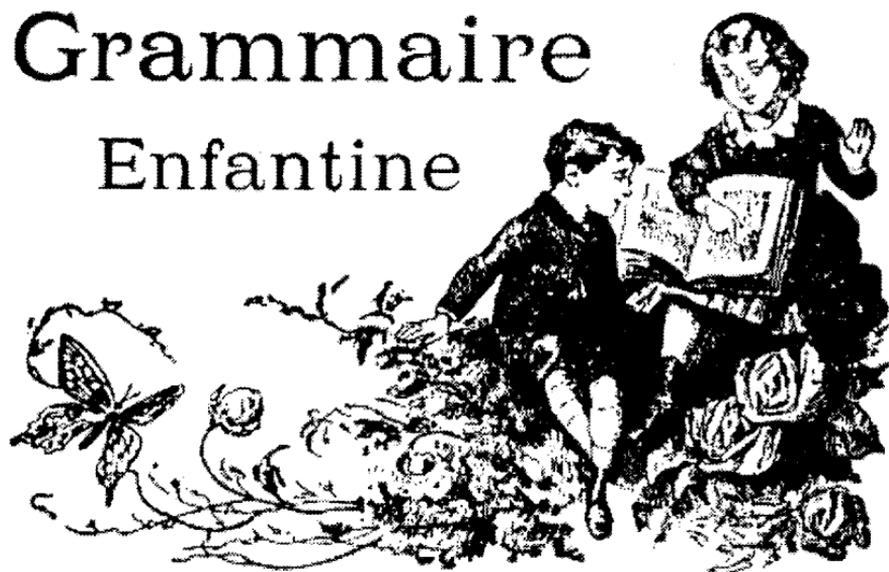
O ensino moral era um componente bastante importante dos manuais escolares utilizados no fim do século passado. Ora, o exercício de comparação das duas gramáticas Augé permite confirmar essa característica. Em Quebeque, acrescentam-se elementos de crença religiosa e conteúdos que atingem o ritual, como a oração, por exemplo. Ora, a visão da escola quebequenha veiculada com maior frequência é a em que tudo parece sob a autoridade da Igreja. Parece haver-se confundido ensino religioso e moral, e os debates que decorreram em Quebeque testemunham essa ambivalência. O estudo que fizemos da transposição dos conteúdos de um manual para uma outra sociedade, convida-nos a relativizar nosso olhar sobre o papel concedido aos manuais escolares e, principalmente, sobre o lugar do ensino religioso no ensino quebequenho, que vivia sob o modo de ensino de tipo confessional.

## Conclusão

A análise comparativa aqui apresentada, centrando a reflexão sobre a ação de um ensino religioso particular (ou seja, a impregnação dos cursos de francês pela religião), ilustra quanto a modelagem ideológica bem como as concepções das elites estão presentes nas obras estudadas. Com relação a isso, os livros de gramática, tanto quanto os livros de leitura, revelam-se instrumentos muito interessantes de análise para verificar como as concepções de uma época são veiculadas pelos manuais escolares. Constatase na análise que, longe de simplesmente tornar o conteúdo da gramática mais religioso, Desrosiers imbricava sutilmente o ensino religioso e a moral católica, a história e a geografia nacional. Nota-se, com efeito, um certo sincretismo entre religião e cultura que será um traço característico das elites tradicionais quebequenas. Religião, amor da língua, valorização dos heróis nacionais e elogio da pátria ligavam-se a uma educação moral em que as condutas e prescrição cívicas deviam guiar a criança, transmitindo-lhe o culto dos fundadores do país. Se o tratamento dos dogmas e dos rituais e o retorno de elementos relativos ao tema religioso foi um aspecto importante dos elementos introduzidos por Desrosiers na gramática Augé, nós vimos que eles se acoplavam a outros componentes.

O caso da gramática Augé está longe de ser único. Com efeito, o caráter das mudanças efetuadas situa-se em um contexto em que outros manuais utilizados em Quebeque veiculavam também conteúdos religiosos, às vezes mesmo de maneira mais aprofundada que na gramática Augé. E, aliás, interessante ver que, no momento em que a versão francesa da Gramática Augé era retirada de circulação, o Superintendente da instrução pública sugeria utilizar a gramática dos Clérigos de S. Viateur, a dos Irmãos do Sagrado Coração ou ainda a dos Irmãos das escolas cristãs. Trabalhos ulteriores permitiram medir as diferenças entre uma obra escrita por e para canadenses franceses de uma obra francesa para um público quebequenho.

# Grammaire Enfantine



## Anexo 2

## LE NOM

## LECTURE ET COPIE. Conseils au petit'écolier.

Mon enfaul, levez-vous c'est le jour. Dabord, faites, avec piété votre prière du matin. Obéissez à vos parents et à vos maîtres. Pratiquez la bonté, la politesse, la douceur; aimez la gaieté, le travail, la vertu. Respectez les vieillards, les pauvres, les infirmes. Fuyez. les écoliers paresseux et les enfants dont les paroles sont vilaines. Le soir, restez auprès de votre père et de votre mère, et ne vous couchez pas sans avoir fait votre prière.



Élocution. - Que doit faire l'enfant aussitôt qu'il est leve? - A qui doit-il obéir? - Que doit-il pratiquer et aimer? - Qui, doi t-il fuir? - Le soir, que doit faire l'enfant?

## GRAMMAIRE ENFANTINE

## LECTURE ET COPIE. - Jésus et les petits enfants.



*Jésus aimait beaucoup les enfants. Il dit un jour à ses disciples: «Si vous voulez entrer dans le royaume des cieux, soyez semblables aux petits enfants.» Dans une autre circonstance plusieurs enfants entourant le Sauveur, les apôtres voulurent les éloigner; mais Jésus, prenant la parole, dit: «Laissez venir à moi les petits enfants, car le ciel appartient à ceux qui leur ressemblent.» Quel amour les enfants ne doivent-ils pas avoir pour un si bon Maître.*

Élocution. - Jésus aimait-il les enfants? -- Que dit-il un jour aux disciples? - Dans une autre circonstance, que voulurent faire les apôtres? Que dit Jésus? - Les enfants doivent-ils aimer Jésus?

## Anexo 4

RÉCITATION. - Dieu fait tout.

« Comment est-ce que Dieu les a peintes, les fleurs ?

Où donc a-t-il pris des couleurs?

- Voyant les terres toutes *nues*,

Dieu s'est mis à sourire et les fleurs sont venues.

- C'est fort! mais il a donc tout fait, ce *grand bon* Dieu ?

- Tout, mon enfant: la terre et l'eau, l'air et le feu,

Et toutes les choses *connues*.

- Et toi, mère, est-ce qu'il t'a faite aussi? Qui? moi?

Sans doute; te voilà *stupéfait, immobile!*

- Ah! cela devait être un peu bien difficile,

De faire une maman aussi *bonne* que toi! »

L. RATISSONNE.

## PETIT NOËL



Le petit à face minée,  
Dont l'oeil est comme un pâle ciel,  
S'approche de la cheminée,  
Tout tremblant, le soir de Noël.

Pourtant, la misère et la fièvre  
N'ont pas diminué l'air fin  
Et spirituel de sa lèvre.  
Il est très maigre, et bleu de faim.

Depuis si longtemps qu'il l'a mise,  
Traînent les lambeaux décousus  
De sa malheureuse chemise.  
- Oh! dit-il, bon petit Jésus!

Toi que l'Étoile au ciel, protège  
Et qui souris dans ton berceau!  
Je marche pieds nus dans la neige  
Et sur la glace du ruisseau!

O petit Jésus adorable,  
Que parent de riches colliers!  
Si tu veux m'être secourable,  
Donne-moi d'abord des souliers.

Des soulers trop neufspourse taire,  
Dessouliers qui fassent: Coin! Coin!  
Et mènent tant de bruit par terre  
Qu'on m'entende venir de loin.

Puis, comme toi seul es le maître,  
Afin de m'aiguiser les dents,  
-Bon Jésus, tu pourras peut-être  
Mettre un peu de bonbons dedans.

TH. DE BANVILLE.

## Anexo 6

## LE VERBE

## LECTURE ET COPIE. - L'héroïque Dollard.

1. - En 1660, les Iroquois menaçaient de s'emparer de la Nouvelle-France, et de massacrer tous les Français. Ils s'avantèrent déjà vers Montréal, au nombre de sept à huit cents. Un brave colon, Dollard, résolut de s'opposer à leur marche dévastatrice, et de mourir, s'il le fallait, pour sa nouvelle patrie.

2. - Avec seize compagnons aussi braves que lui, Dollard alla au-devant des Iroquois, et, enfermé dans un petit fort, il leur tint bravement tête pendant dix jours. Il succomba enfin avec ses compagnons; mais les Iroquois, effrayés de la longue résistance que leur avaient opposée ces quelques Français, abandonnèrent leur projet, L'héroïque Dollard avait sauvé sa patrie.



Élocution. - Quels sauvages menaçaient la Nouvelle-France, en 1660 ? Qu'était-ce que Dollard et que résolut-il de faire ? - Quel était le nombre des compagnons de Dollard ? - Combien de jours Dollard tint-il tête aux Iroquois ? - Après la mort de Dollard, que firent les Iroquois ?

## LE VERBE

LECTURE ET COPIE. - Aux petits Canadiens.

Quand vous serez devenus grands, vous serez des citoyens. On n'est un bon citoyen que lorsque l'on observe les lois de son pays. Soyez fiers d'appartenir à l'une des plus belles races du monde; défendez votre belle langue, et faites respecter vos droits. Évitez aussi tout ce qui est mal, surtout l'ivrognerie et les autres vices. Apprenez bien l'histoire de votre pays, et imitez les beaux exemples que vos ancêtres vous ont laissés.

